

Transfiguração do tempo e do espaço: acontecimentos tecnológicos na imprensa do Rio de Janeiro

Leticia Cantarela Matheus¹

Este artigo reflete sobre um longo processo de expressão de nossa consciência histórica por meio da tecnologia, como parâmetro interpretativo de uma suposta evolução. Esta hipótese surge da observação de algumas coberturas jornalísticas acerca de quatro grandes acontecimentos tecnológicos, desde o século XIX até a segunda metade do século XX, levando em consideração diferenças na construção do acontecimento em distintos momentos, porém tendo em comum a codificação da técnica. Esses acontecimentos serviram também para refigurar os parâmetros de significação do espaço, com novas possibilidades de apropriação simbólica da cidade, do céu e até da lua.

Palavras-chave: acontecimento, tempo, espaço.

Transfiguration of time and space: Technological events in the Rio de Janeiro's press. This article reflects on a long term process of expression of our historical consciousness through technology, as an interpretative parameter to a presumed evolution. This hypothesis arises from the observation of press coverage of four technological events, since the nineteenth century until the second half of the twentieth century, taking into account differences between the events' construction in different times, but having in common the encoding of the technique. These events also served to reconfigure the parameters of significance of space, with new possibilities of symbolic appropriation of the city, the sky and even the moon.

Key words: event, time, space.

Este artigo procura relacionar a construção do acontecimento pelo jornalismo ao processo de codificação das tecnologias como referência de tempo e espaço, logo, de nossa consciência histórica. Assim, a tecnologia não é analisada aqui exclusivamente enquanto dispositivo de comunicação, mas, principalmente, como objeto de narrativas jornalísticas. Foram observadas coberturas de alguns feitos tecnológicos entre o século XIX e a segunda metade do

Este artículo reflexiona sobre un largo proceso de expresión de nuestra conciencia histórica a través de la tecnología, como parámetro interpretativo de una presunta evolución. Esta hipótesis surge desde la observación de algunas reportajes de cuatro acontecimientos tecnológicos del siglo XIX hasta la segunda mitad del siglo XX, teniendo en cuenta las diferencias en la construcción del evento en momentos diferentes, pero teniendo en común la codificación de la técnica. Estos eventos sirvieron también para refigurar los parámetros de significación del espacio, con nuevas posibilidades de apropiación simbólica de la ciudad, del cielo e incluso de la luna.

Palabras clave: acontecimiento, tiempo, espacio.

século XX. Para além de suas consequências concretas, esses acontecimentos tiveram grande impacto na imaginação, transfigurando representações de espaço e tempo.

Para falar em transfiguração, recorre-se à teoria de Ricoeur (1994), segundo a qual narrar é produzir uma ação sobre o mundo, na medida em que “coletamos” significados de um contexto no qual estamos inseridos para compor uma narrativa acerca desse mesmo mundo. Para completar

¹Doutora em Comunicação pela Universidade Federal Fluminense. Professora no Centro Universitário Plínio Leite (Unipli – Niterói). Av. Visconde do Rio Branco, 123, Centro, 24020-000, Niterói, RJ, Brasil. E-mail: leticia_matheus@yahoo.com.br

essa operação narrativa, precisamos novamente vincular as palavras às coisas, fazendo a linguagem retornar ao mundo. É evidente que esses significados podem simplesmente confirmar aqueles previamente estabelecidos, mas podem também abrir a possibilidade de sua transfiguração em novos sentidos. Assim, uma narrativa é antes de tudo uma possibilidade.

Ainda segundo Ricoeur (1994), o acontecimento pode ser entendido como a peripécia de uma narrativa. Ele serve como âncora temporal e mediador da experiência. As narrativas jornalísticas selecionadas para este artigo articularam acontecimentos tecnológicos que serviram para transfigurar representações de tempo e espaço de duas maneiras. A primeira revela-se pelo simples fato de terem motivado múltiplas narrações; a segunda, porque esses acontecimentos efetivamente promoveram alterações concretas nos modos de vida ou, pelo menos, nas percepções e consciência espaço temporal.

As primeiras coberturas a serem estudadas são sobre a adoção da iluminação a gás, depois, a elétrica. Ambas as tecnologias permitiram ver e usar a cidade de novas formas. Em seguida, observamos a cobertura da passagem do dirigível Zeppelin pela cidade do Rio de Janeiro e a chegada do homem à lua. Cada um em sua época, tanto a tecnologia do foguete quanto a do dirigível fizeram com que produzíssemos nova consciência do domínio humano do céu e da terra e de suas possibilidades.

Usamos como material empírico o *Jornal do Commercio* (1827) e a *Gazeta de Notícias* (1875-1942) para nos referirmos ao século XIX, e, como referência para o XX, o *Jornal do Brasil* (1891) e o *Última Hora* (1951-1971), utilizando, portanto, um periódico ainda em circulação juntamente com outro já extinto. A análise que reproduzimos aqui possui caráter conclusivo, ainda que sobre uma perspectiva particular e um *corpus* empírico reduzido. Devido ao limite de espaço, muitos detalhes e explicitações das análises ficaram de fora.

Em geral, a perplexidade marcou essas reportagens tecnológicas. Prenúncio de melhoramentos futuros, essas tecnologias foram anunciadas e descritas com entusiasmo, tendo em comum a capacidade de aproximação no espaço. Elas proporcionaram novas apropriações do espaço, como a iluminação pública, que permitiu maior utilização da cidade à noite, ou a visão de novas imagens do céu, fosse por meio de um dirigível ou mesmo de uma espaçonave. A rigor, essas tecnologias promoveram mais do que uma superação do espaço: sobretudo a transposição de distâncias comunicacionais. Além disso, foram transformadas em signo de reconhecimento do tempo. Dizer que algo é “desenvolvido”, “moderno” está muitas vezes relacionado a referências tecnológicas.

É interessante perceber que a utilização das tecnologias como signo de progresso e marcação do tempo não é um fenômeno exclusivamente contemporâneo, como fica claro nos textos produzidos pelo *Jornal do Commercio* acerca da instalação da iluminação a gás em algumas ruas do bairro do Centro do Rio, em 1854. Por isso, optamos por enfatizar, neste artigo, os acontecimentos do século retrasado. Por outro lado, ficou claro que o modo de narrar as inovações tecnológicas estava, naquela época, longe do que se entende hoje por acontecimento midiático, em que se têm os meios de comunicação se apropriando de maneira orgânica dos grandes acontecimentos ou mesmo transformando aqueles não tão relevantes em verdadeiros espetáculos midiáticos. Mas aqueles tempos eram outros, e as novidades técnicas eram relatadas de modo discreto em meio a muitas outras notícias.

Um Rio inundado de um oceano de luz

A narratividade dos grandes jornais diários fornece a sensação de permanente atualização da história, sobretudo devido a seu modo periódico de inscrição no cotidiano (Matheus, 2010; Ribeiro, 1995). Somado a isso, eles trabalham com a noção de progresso, que, por sua vez, se atualiza em noções de modernização e desenvolvimento, oriundos de uma grande matriz conceitual de “civilização” (Koselleck, 2006; Collingwood, s.d.; Nisbet, 1985). Ao mesmo tempo, os próprios jornais estão imersos nessa ideologia do progresso e articulam os acontecimentos de forma que pareçam encadeados numa linha evolutiva de “melhoramentos”, sobretudo quando relacionados às tecnologias.

O *Jornal do Commercio* relata a notável diferença entre o lampião a gás e os antigos candeeiros, dizendo que as ruas da cidade do Rio de Janeiro seriam, então, inundadas de um oceano de luz, em 1854. A percepção que se tem, ao ler esses jornais antigos, é que a cada instante, experimentava-se a sensação de estar vivendo o mais incrível dos tempos, característica tão particular do homem moderno e para o qual o jornalismo se apresenta como forma adequada de comunicação. Ele trataria do presente não porque fala do presente, mas porque favorece um sentido “presentista” de história, graças, em grande parte, a sua condição periódica.

Era rotineiro que, no século XIX, os relatos do *Jornal do Commercio* sobre adoção de novas tecnologias recebessem o prático e eloquente título de “Melhoramentos”, substantivo que, em si, já carrega um sentido histórico e um juízo de valor, como conceito de movimento aplicado à interpretação histórica do qual fala Koselleck (2006). O autor afirma que a experiência temporal é manifesta, e poderíamos dizer operada, na linguagem, projetando um intervalo e expressando uma intensidade da experiência. Nos conceitos de progresso e de modernidade, bem como nos “melhoramentos” associados à tecnologia, isso fica particularmente evidente, como no caso da instalação dos lampiões a gás em algumas ruas do que hoje é o bairro do Centro da cidade do Rio de Janeiro.

ILLUMINAÇÃO A GAZ – Começou ante-hontem nas ruas S. Paulo, Sabão, Rosario, Ouvidor, Direita e largo do Paço. Todas essas ruas se apinharão de povo. Não se ouvia senão uma observação: Como é que estivemos privados por tanto tempo deste immenso melhoramento!

Em verdade o contraste que apresentarão os antigos candeeiros de azeite ao lado dos brilhantes lampeões de gaz tornava ainda mais notável a diferença da luz. A distancia em que se achão os novos lampeões parecem [sic] a todos bem calculada. Nas praças que não tem no centro ruas illuminadas, como o largo do Paço, seria conveniente collocar um grande facho. As luzes lateraes não chegão ao centro por fortes que seião (Jornal do Commercio, 26 e 27/03/1854, p. 2).

No texto, os personagens do *Jornal do Commercio* deixaram de se satisfazer com a tecnologia disponível. Era necessário imaginar outras mais complexas. Segundo o *Jornal*, o povo se perguntava como é que pôde viver até aquele dia sem aquela maravilha. A notável diferença da luz em relação aos candeeiros parece piada hoje, mas mobilizou efetivamente as sensibilidades naquela época.

A notícia do novo melhoramento na infraestrutura da cidade ocupou exatamente três parágrafos da coluna “Rio de Janeiro” com o título geral “Communicados”, espaço reduzido para os padrões do *Jornal do Commercio*. Mas, algumas notícias depois, na mesma coluna, porém desta vez mais longa, continuou-se com o assunto. Somando os dois trechos, o tema ocupou menos de uma coluna:

MELHORAMENTOS MATERIAES – A ILLUMINAÇÃO A GAZ

Ante-hontem, anniversario do juramento da constituição do império, vio a cidade de S. Sebastião do Rio

de Janeiro a introdução de um grande melhoramento. Os lampeões do fétido azeite de peixe, donde partia lúgubre clarão, começarão a ser substituídos pelo gaz que inundará ruas e praças com um oceano de luz.

Era tempo de imitarmos as cidades da Europa e da América que nos precederão na carreira da civilização. O que diria o estrangeiro que aportasse ás nossas praias vendo que a rainha da América Meridional apresentava durante as noites o triste espetáculo de uma necropolis? [...] Não havia mais suplicio do que ser obrigado a encerrar-se n'uma calmosa noite de verão entre as quatro paredes de uma casa, para cuja construção não foi certamente consultado o grão de temperatura em que viviamos, a nossa situação tropical. [...]

O Brazil é um paiz novo: cheio de vida, cheio de futuro: revela que rompamos com as velhas tradições dos tempos coloniaes, e trilhemos com coragem a estrada do progresso. [...]

Tardia seria nossa civilização se tivéssemos de percorrer todos os tramites seguidos pelos povos do velho continente. Deveremos estabelecer uma linha regular de paquetes á vela antes de empregarmos o vapor. [...] (Jornal do Commercio, 26 e 27/03/1854, p. 2).

Mesmo antes da moda positivista, que tão fortemente associou evolução científico-tecnológica à evolução social (Comte, 1978), o discurso do progresso é associado “à introdução de melhoramentos”, como justificativa para medidas políticas e administrativas. Segundo o texto acima, os bicos de gás iluminariam “a rainha da América Meridional” no caminho para a civilização, deixando para trás seu passado colonial. A referência à oposição entre luz e trevas também é evidente, ao classificar a capital às escuras de “necrópolis”.

Vinte e cinco anos mais tarde, em 1879, o *Jornal do Commercio* noticiaria a primeira experiência de iluminação elétrica no Rio, na Estação Ferroviária Central do Brasil, sem muitos detalhes nem destaque. Uma das razões pelas quais não se pode afirmar que as narrações desses acontecimentos tenham a mesma dimensão das grandes coberturas de hoje diz respeito exatamente ao espaço, o qual traduz, quase sempre, a importância que um periódico dá ao assunto. Por outro lado, Messagi Júnior (2008) analisou que o modo de ordenamento dos textos jornalísticos no século XIX não obedecia à mesma inteligibilidade de hoje. As informações eram organizadas de acordo com a ordem de sua obtenção. Cronologicamente, iam se preenchendo as páginas. Portanto, não se pode saber exatamente hoje, simplesmente pelo tamanho do texto, o grau de relevância

dada ao episódio, mas é certo que não se pode falar em “acontecimento midiático” nos moldes atuais.

Em primeiro lugar, isso se justifica porque o ineditismo e a novidade não eram valores tão relevantes à construção da notícia, já que ela possuía muito mais o sentido de conhecimento, erudição, ilustração (Morais e Silva, 1813). Em segundo lugar, a razão pode estar no fato de que a experiência jornalística obedecia à outra lógica no sistema comunicacional da época, segundo a qual a mídia não tinha papel tão preponderante no cotidiano quanto adquiriu nas primeiras décadas do século seguinte. Se, por um lado, não se podia considerar a sociedade enquanto massa, também é certo que não se podia falar nas sensações como mediadoras primordiais das notícias, que eram muito mais baseadas em reflexões históricas, políticas e literárias. Isso só mudaria nas últimas décadas do século XIX e nas primeiras do XX.

O texto ocupa pouco espaço para os padrões do *Jornal do Commercio* então: apenas 15 cm da coluna “Gazetilha”, onde se encontrava boa parte do que hoje se entende por noticiário. Dentre os principais assuntos, a agenda do imperador, pautada quase diariamente.

Iluminação pela luz eléctrica – Realizou-se hontem, ás 8 ½ horas da noite, na augusta presença de SS. MM. Imperiaes, a experiência da iluminação eléctrica na estação central da estrada de ferro D. Pedro II.

Já alli se achavão os srs. Ministro da agricultura e do Imperio, Visconde do Bom-Retiro, director da estrada Dr. Passos e seus ajudantes, Dr. João [...]

Chegando Suas Magestades, dirigirão-se logo para a sala da machina, que foi examinada por S.M. o Imperador e pelo ministro [...]

A iluminação do vestibulo, saguão e plataforma de passageiros é feita por seis focos de luz eléctrica, equivalentes a cerca de 600 bicos de [Carcel].

O termo de comparação é uma lâmpada Carcel, capaz de consummir por hora 42 grammas de azeite de colza refinado.

Estes focos são alimentados por duas correntes de electricidade dinamica provenientes de duas machinas magnético-electricas de Gramme, das quaes uma funciona como [ilegível] e a outra como reguladora e distribuidora das correntes, augmentando ao mesmo tempo sua intensidade.

Por intermédio de uma árvore de transmissão estas machinas recebem movimento de um locomovel de força nominal de sete cavallos.

A distribuição da luz se faz por meio de conductores de fio de cobre perfeitamente isolados por uma camada de

guetta-percha, dividivos em dous circuitos, alimentando cada um dos lampeões. [...]

Quando for applicada a toda estação a economia será enorme, tanto mais econômica quanto mais importante for a instalação [, podendo chegar a 50%]

Da sala das machina, Suas Magestades dirigirão-se ao saguão, onde forão apagados os bicos de gaz e os da plataforma. Illuminarão-se de repente os globos [ilegível] e uma luz só deu claridade a todo o saguão, para o qual são necessarios mais de dez bicos de gaz.

A iluminação da plataforma foi examinada [por dom Pedro]. SM o Imperador disse que tem lembrado por varias vezes a conveniencia dos pharões electricos, principalmente na ilha Rasa.

Ás 9 ½ horas da noite Suas Magestades retirarão-se, parecendo satisfeitos com a experiência (Jornal do Commercio, 22/02/1879, p. 2).

O relato do experimento foi sem emoção. O redator se limitou a dizer que Dom Pedro II pareceu satisfeito, dando preferência aos aspectos técnicos. Quatro anos depois da tentativa de iluminação da estação ferroviária e 29 anos depois dos primeiros lampiões em ruas do Centro, novamente a caça à luz, como meta de civilização, vem à tona, desta vez em Campos dos Goytacazes, município no Norte do Estado do Rio, a 286 km da capital. O *Jornal do Commercio* acompanhou a “Viagem Imperial” para a inauguração da iluminação pública. Como era de costume, o diário cobria a agenda imperial e, daquela vez, enviou correspondente para acompanhar Dom Pedro II em todas as suas paradas e na inauguração. Houve uma espécie de preparação do acontecimento devido ao envio do correspondente. No dia 22, publicou na “Gazetilha” texto de 20 cm:

A luz electrica no Brazil

Já tiverão noticia os nossos leitores de haver dado resultado satisfactorio a experiencia definitiva da iluminação da cidade de Campos por meio da luz electrica. [...] Ao próspero município de Campos caberá a honra de haver sido o primeiro no Brazil a utilizar a electricidade na iluminação de uma cidade.

Este arrojado commettimento, a que não foi obstáculo a indiferença incrédula com que era para ser recebida a notícia do projeto, será certamente lembrado no futuro como padrão de amor ao progresso e na confiança nas conquistas da sciencia. Dia virá em que o systema empregado em 1883 na cidade de Campos parecerá tão rudimentar quanto nos parece hoje a memorável experiência pela qual H. Dayey, há 53 annos, produzio

pela primeira vez a nova luz [...] Sejão quaes forem, porém, os progressos da luz electrica, a bella tentativa de Campos marcará época na história do emprego da electricidade.

A glória da primeira applicação indistustrial da luz electrica no Brazil cabe á directoria da via férrea de D. Pedro II. A idéa de illuminar por aquella luz. estação central da principal via férrea da América do Sul foi sugerida [...] As primeiras experiências, feitas a 21 de fevereiro e 12 de março de 1879, não derão resultado satisfatório, assim por falta de aptidão do pessoal como principalmente por não possuir a estrada apparelho próprio a regularizar o trabalho das machinas. Após experiencias posteriores em que se logrou corrigir os defeitos manifestados nas primeiras a estação central da ferrovia D. Pedro II começou a ser illuminada a 1º de outubro de 1879, por seis focos dos systema Jaclochkoff [continua explicando o sistema...]. Taes são as primeiras tentativas para introdução da luz electrica no Brazil (Jornal do Commercio, 22/06/1883, p. 1).

O valor do pioneirismo, tão importante para o valor do “furo” e tributário de uma noção de história linear, fica explícito na disputa em torno das primeiras experiências de iluminação e na angústia acerca da precisão da datação. É evidente que, hoje, a distância temporal exata entre as primeiras experiências com a luz elétrica não faz diferença, mas, para o ritmo narrativo do jornal, era importante marcá-la em relação à narratividade do periódico, cujos leitores “já tinham tomado notícia dos resultados satisfatórios”. O curioso é que tal articulação se aproxima do valor do ineditismo ainda que esse caráter não fosse valor fundamental para a rotina narrativa do jornal. Também chama atenção a consciência da condição provisória de tal sistema de iluminação. Parece que o redator já vivia imerso na expectativa de permanente obsolescência, pois mantinha confiança nos “progressos da luz” e acreditava que a experiência pareceria rudimentar no futuro.

Mais uma vez aparece o problema do progresso como fator legitimador associado à tecnologia. A confiança na ciência é traduzida na devoção ao progresso, consagrando uma visão de história linear, sem crises ou rupturas, sem desmontes de antigas estruturas, apenas como continuidade evolutiva e para a qual as invenções técnicas seriam o emblema. Desse modo, evidencia-se a persistência do modelo interpretativo da história como movimento progressivo dentro das intrigas jornalísticas. Ao elencar exemplos anteriores de iluminação, o *Jornal do Commercio* mapeava a conjuntura urbana na capital. Assim, a operação narrativa

tanto pode inserir um acontecimento tecnológico singular numa série quanto pode destacá-lo, promovendo certos significados possíveis para ele. Deste modo, os acontecimentos, incluindo os tecnológicos, funcionam como indicadores de nossa posição numa série histórica, contribuindo para a própria consciência de tempo e lugar.

Nos dois dias seguintes, o diário publicou apenas um breve relatório de viagem, informando a chegada e saída do imperador de Cantagalo, até que, no dia 25, informou ter recebido do correspondente alguns telegramas; o último deles efetivamente reportando a inauguração, e único no qual o *Jornal do Commercio* fez qualquer referência ao povo:

Campos (24 de julho, ás 8 horas e 10 minutos da noite) – Ás 7 horas, SM o Imperador dignou-se de fechar o circuito electrico, ficando assim illuminada toda a cidade. É grande o entusiasmo do povo campista, que aclama os augustos imperadores (Jornal do Commercio, 25/06/1883, p. 1).

O confronto da cobertura do *Jornal do Commercio* com a *Gazeta de Notícias* evidencia o quão monarquista era o primeiro, para quem Dom Pedro II era protagonista das narrativas, a ponto de o povo ficar de fora da maior parte de suas narrativas. Nos testes com iluminação elétrica na Central do Brasil, o imperador é apresentado como totalmente secundário na articulação da *Gazeta de Notícias*, enquanto a sensação que se tem no *Jornal do Commercio* é de que a cerimônia foi feita exclusivamente para a vistoria de Dom Pedro II.

A ILLUMINAÇÃO ELECTRICICA

A grande questão scientifica atualmente se agita na Europa e nos Estados Unidos é a que procura resolver o problema da illuminação pública e particular por meio da luz electrica.

A parte mais séria do problema é a divisibilidade de luz e essa ainda por ora não é conhecida, attribuindo-se todavia a Edisson, auctor do phonografo, a sua descoberta ainda não revelada, que o saibamos.

Aproveitando das experiências já feitas principalmente em Pariz, o Sr. Dr. Passos entendeu que devia fazer applicação d'essa luz á estação central e plataforma da estrada de ferro.

Foi hontem ás 8 ½ horas da noite inaugurada essa illuminação, na presença de Suas Magestades Imperiaes, do sr. presidente do conselho, ministro do imperio, director e engenheiros da estrada de ferro, muitas

peças de elevada posição e muitíssimos [ilegível] que ali concorreram atraídos pela curiosidade.

O resultado foi excelente. A luz dá [ilegível] claridade que se [ilegível] lua cheia n'uma noite perfeitamente limpa de nuvens.

Em seguida publicamos os esclarecimentos que a respeito da nova iluminação, [sic] nos foram obsequiosamente fornecidos pela directoria da estrada de ferro, e mais adiante uma notícia á respeito do contracto que a municipalidade de Pariz fez para applicar a mesma iluminação á diversas praças e ruas d'aquella cidade, depois de ter ouvido uma comissão de engenheiros.

[a partir daqui repete o texto igual ao do Jornal do Commercio, p. 2 do mesmo dia]

A notícia da que em relação a luz electrica em Pariz, [sic] é a seguinte: [...] (Gazeta de Notícias, 22/02/1879, p. 1).

Outra diferença entre as duas coberturas é que a *Gazeta de Notícias* contextualiza espacialmente o acontecimento se referindo à iluminação pública na Europa e nos Estados Unidos, tratando a eletricidade como a grande vedete científica no mundo naquele momento. A *Gazeta* coloca a inauguração na estação ferroviária na mesma reportagem sobre a luz elétrica em Paris. Mas o que chama mais a atenção são as semelhanças. A parte da explicação técnica é rigorosamente idêntica nos dois jornais, o que faz supor que os redatores copiaram as mesmas informações talvez do “avô” do *release*. Tudo leva a crer que os técnicos da ferrovia tenham preparado um material informativo, explicando o funcionamento do sistema de iluminação e distribuído aos correspondentes dos diferentes jornais, presentes na cerimônia. Isso porque seria quase impossível que os redatores de diferentes periódicos tenham copiado de forma idêntica alguma explicação oral que possa ter sido dada pelos engenheiros no momento. O mais provável, pela forma da escrita, é que simplesmente tenha sido copiada de outro texto escrito, mas a *Gazeta de Notícias* teve o cuidado de colocar o texto entre aspas, e o *Jornal do Commercio* usou-o como se fosse seu.

Imagens do alto: do Zeppelin a Apolo 11

O domínio dos céus, a partir da tecnologia, foi a grande intriga das coberturas da chegada do homem à lua, em 20 de julho de 1969, e da passagem do Zeppelin pela

cidade do Rio de Janeiro, em 25 de maio de 1930, depois de ter passado por Pernambuco. Consequência comum às duas datas foi a transfiguração do familiar, tornando-o estranho e surpreendente. De repente, a lua passa a ser referida como uma estranha superfície pedregosa e escura que em nada faz lembrar a ancestral e brilhante esfera branca no céu. Tanto foi assim que o astronauta Edwin Aldrin, segundo a pisar em solo lunar, escolheu explicar o que viu, informando que não havia uma cor específica predominante na superfície lunar, preso talvez que estivesse ao imperativo da referência a seu antecessor, Yuri Gagarin, que dissera que a Terra é azul. Assim, explicar o acontecimento era inseri-lo numa série, num contexto, de tal modo que Aldrin se sentiu obrigado a mencionar a cor, o que deve ter sido especialmente importante nas duas ocasiões – tanto 1961 quanto em 1969 –, quando os aparelhos televisivos eram em preto e branco. Se a evolução científico-tecnológica, que permitiu ao homem ir à lua, podia ser entendida como a concretização de um novo estágio de domínio sobre o tempo e o espaço, a consciência disso estava submetida à própria experiência midiática do acontecimento.

O estranhamento também esteve presente na cobertura da passagem do Zeppelin em 1930. A cidade do Rio de Janeiro teve sua superfície alterada por um “immenso charutão dos ares” (Coluna de Benjamin Costallat, JB, 10/05/1930, p. 5), que ocupou estranhamente um pedaço de céu entre o mar e a montanha, além da oferta de vistas da cidade nunca antes experimentadas. Portanto, nas duas coberturas, a imagem teve importância fundamental, não apenas como estratégia editorial, mas também porque os próprios acontecimentos tinham por elemento chave a transfiguração de imagens consagradas do familiar: a lua e o céu. Ao rearticular esse olhar para o alto, os jornais construíam seu próprio lugar de explicação, a partir de uma utopia comunicacional, ou seja, uma variação imaginativa acerca de um acontecimento, a partir da presunção do real (Barbosa, 2009). Oferecer nova imagem da cidade e do céu era dar nova possibilidade de representação, a chance de introduzir o desvio na continuidade das expectativas.

Em geral, as reportagens descreveram os perigos secretos na lua, os preparativos em Cabo Kennedy, a trajetória da nave, seu funcionamento, a roupa espacial, como era a alimentação, a preparação da saúde dos astronautas, além de o jornal publicar artigos de especialistas todos os dias. Mais popular que o *Jornal do Brasil* (JB) naquela ocasião, o *Última Hora* (UH), começou a cobrir a chegada à lua com semanas de antecedência, lançando quatro edições extras. Assim como no JB, a cobertura no UH teve

a conotação evidente de conquista da humanidade, mas também de conflito entre as duas grandes potências da época – EUA e URSS. Celebrava-se o feito ocidental ao mesmo tempo em que se acionavam os riscos, a tensão e o medo de uma guerra espacial.

A grande semelhança entre as coberturas dos dois periódicos é que a chegada do homem à lua foi um acontecimento essencialmente visual e, mais que isso, existiu socialmente devido à visibilidade midiática. A condição visual da chegada à lua é tão forte que se fetichiza. A imagem tecnológica, sobretudo midiática, adquiriu naquele momento valor em si ao ponto de dar lugar a um episódio até cômico. Tanto o JB quanto o UH publicaram fotografia de Pat Collins, esposa de um dos astronautas, mostrando ao fotógrafo uma folha de papel com um borrão. A legenda precisava explicar que aquele borrão branco na mão da sorridente esposa era seu marido. Portanto, a imagem a que o público carioca teve acesso foi de quarta mão: a reprodução da fotografia da agência americana que fotografou na mão da mulher a reprodução da transmissão televisiva de Michael Collins na lua. E, quando chegou a nós, em microfilme, portanto, de quinta mão, já não se distinguia nenhuma forma humana, mas a legenda estava lá para garantir o status emblemático ao borrão histórico.

O JB realizou uma cobertura mais técnica, com mais detalhes científicos, inscrevendo-se como o “explicador” da navegação espacial. Foi descrita cada ação de Armstrong, como se dava a comunicação com a nave, “como se dirige uma nave espacial”, além de haver ilustração de quase tudo: do acampamento, do módulo lunar, da separação da Apollo 11 do foguete Saturno 5, da trajetória diária, com a localização da Apollo e o percurso que fez, com linha contínua, e que faria, com linha tracejada. Além disso, era publicado diariamente, hora a hora, tudo o que acontecia no dia anterior, o que estava previsto para o corrente, as alterações, o que estava previsto para o dia seguinte. Tudo isso era diariamente atualizado, para que o leitor contasse com uma espécie de diário de operações da NASA. Também foi publicado um mapa da superfície lunar, com explicação sobre seus mares, crateras e baías, no domingo, no Caderno Especial, todo dedicado à descrição do desenvolvimento da aeronáutica, de maneira teleológica, como se tudo tivesse sido feito até então em função do “mais longo voo da humanidade”. Esperava-se, com isso, estimular os estudos e o interesse pela ciência, como se dizia.

Observou-se, ao lado do imaginário técnico, a analogia com o descobrimento da América, como o grande parâmetro interpretativo para a conquista da lua.

As comparações a que se recorre para compreender e dar sentido a um acontecimento revelam a consciência histórica de uma época e das pessoas que representaram aquele fato. Assim, a analogia da viagem lunar com a chegada dos espanhóis à América é um processo de significação que procura dar sentido semelhante a ambos os feitos, gerando o reconhecimento de algo inédito, isto é, dando condições representacionais de apropriação de algo ainda sem sentido social determinado (que, na verdade, nunca é determinado, mas que no momento de seu desenrolar talvez parecesse ainda mais ameaçador).

Os textos da NASA sinalizavam para o sentido que o governo americano procurava dar à viagem à lua como novo colonialismo espacial e que se difundia pelos jornais e agências em todo o mundo. O acontecimento deu lugar ao otimismo frente a novas conquistas, como a do continente americano no século XV. A chegada do homem à lua foi uma grande oportunidade de convergência, num único acontecimento, de imaginários religioso, tecnológico e comunicacional. Assim, a inédita experiência de ir à lua dava possibilidade de imaginar a descoberta de infinitos novos mundos, cada qual tão impactante para as consciências quanto foi a da América para o homem europeu. Isso porque havia três linhas gerais de argumentação e explicação de tal evento: o passado dos grandes conquistadores e precursores da aeronavegação, a onipresença de Deus e o futuro das telecomunicações. A essa síntese de argumentos e imaginários estamos chamando convergência comunicacional.

A grande analogia tecnológica no Jornal do Brasil foi sobre “as rotas pioneiras” uma homenagem a Santos Dumont e uma tentativa de vincular o feito à contribuição brasileira: “Santos Dumont deu o primeiro passo a 20 de julho de 1903” (*Jornal do Brasil*, 20/07/1969, p. 8). A reportagem trazia uma ilustração esquemática com desenho idêntico da trajetória da Apollo 11, entre terra e lua, e do 14-Bis, entre a torre Eiffel e a Île de France, cruzando o espaço e o Sena, fazendo, assim, coincidirem as duas experiências, que se deram, para felicidade do pauteiro, na mesma data. Tal espécie de “efeméride espontânea” foi usada para equivalência, na narrativa, entre os dois feitos, equiparando a complexidade tecnológica do voo de Dumont à ida à lua, cada um correspondendo ao desafio de sua própria época. Desse modo, mais uma vez, vê-se o testemunho de uma perspectiva histórica, por analogia, de uma forma de “historiografia do cotidiano”.

O Papa Paulo VI aparece como uma espécie de consciência trans-histórica, capaz de validar ou não a experiência, como quando pede para que se reze pelos

astronautas e elogia a missão, mas recomenda que “se previna contra a idolatria materialista”. A convergência entre os imaginários tecnológico, religioso e comunicacional se dá, por exemplo, na fotografia do Papa assistindo à transmissão televisiva dos astronautas em solo lunar no Vaticano e pedindo para que lembrassem a criação divina. Ou, ainda, na fotografia do traço do foguete Saturno 5 no céu, com a legenda: “Um sinal no espaço”. A fotografia do sinal de fumaça poderia ser interpretada como sinal divino ou sinal de rádio (a própria foto convertida em sinais eletromagnéticos, uma vez que foi transmitida por radiofoto pela UPI de Cabo Kennedy). O mesmo ocorre quando o Papa afirma que o voo “nos força a encarar o alto, além do campo terreno, a recordar a imensa e misteriosa realidade em que se desenvolve nossa pequena vida” (*Jornal do Brasil*, 17/07/1969, p. 11). O “alto” que se deveria encarar poderia ser tanto a morada de Deus quanto o espaço onde navegam foguetes, satélites e sinais de telecomunicação.

Mas antes de o foguete Saturno 5 cruzar o espaço em direção à lua, outra forma cilíndrica já tinha sido usada na conquista dos céus e de maneira mais íntima para os brasileiros: o Zeppelin. O *Jornal do Brasil* se apropriou da passagem do dirigível pela capital federal, publicando reportagens exclusivas, segundo o jornal, enviadas de dentro do balão pela dupla Grace Marguerite Drummond Hay e Karl Henry Von Wiegand. O momento em que o jornal conseguiu vincular mais eficientemente a experiência da passagem do Zeppelin com seu trabalho foi a publicação da fotografia tirada do alto do edifício do JB na Avenida Rio Branco. A legenda era a seguinte: “O ‘Conde Zeppelin’ voando em direção à barra, sobre o Pão de Assucar, após as últimas evoluções sobre a nossa cidade. Vista tirada do alto do torreão do ‘Jornal do Brasil’” (*Jornal do Brasil*, 27/05/1930, p. 8).

A cobertura acompanhou a aterrissagem do Zeppelin em Pernambuco, mas não sem antes descrever detalhadamente como seria, e falava dos passageiros que embarcariam em Recife: milionários que pagavam pela aventura e que despertavam grande curiosidade, como o americano William Leeds. Em entrevista ao jornal, Leeds explicou que o Zeppelin representava a confraternização mundial, “para lavar o sangue e as recordações dolorosas da grande guerra”. Assim, o Zeppelin é representado como aceno de paz da Alemanha, assim como funcionou a Apolo 11, porém com sentido de vitória americana pela supremacia tecnológica, usando mais uma vez a tecnologia para codificar o processo histórico. O milionário, que fazia todas as viagens de dirigíveis, parecia entusiasmado com as imagens que a aeronave proporcionava. Ele foi testemunha

do fascínio que exerceu a experimentação de novos ângulos da terra: “Tudo que se avista de cima nos parece bello. Não sei se pela nossa condição de superioridade”, disse em depoimento ao jornal (*Jornal do Brasil*, 16/05/1930, p. 10).

Além de aparecer a referência aos grandes conquistadores do passado, como no caso da chegada à lua, as reportagens destacaram a perplexidade diante da nova possibilidade de ver a terra: de cima. Esse olhar de superioridade, segundo Leeds, faz com que o homem tome consciência de seu poder de dominação sobre a terra, isto é, sobre a natureza. Se todo o planeta já tinha sido conquistado, tendo o homem pisado quase todos os pontos, agora era a vez daquilo que estava acima da superfície. Assim, o Zeppelin, com sua visão do alto, transfigurava a concepção de espaço, do céu e da terra, não apenas para aqueles que nele embarcavam, como Leeds, como também para aqueles que o viam do solo ou o imaginavam pelos jornais.

Nessas duas coberturas, as imagens proporcionadas pelas novas tecnologias “de voar” funcionaram como materialização de utopias que começaram comunicacionais antes de serem técnicas, ou, pelo menos, foram comunicacionais em concomitância com o desenvolvimento tecnológico, ainda que essas imagens tenham sido conhecidas apenas em imaginação. Como mostra Sevckenko (2001), novas tecnologias levam a um redimensionamento do corpo e do espaço e, conseqüentemente, essa dimensão inclui a consciência do lugar que se ocupa no espaço e da duração que se ocupa no tempo. Elas fornecem novas sensibilidades para produzir o sentido de história. As imagens proporcionadas por essas tecnologias foram materialização de utopias e forçaram, por sua vez, uma mudança de mentalidade que os jornais procuravam não apenas explicar, mas mergulhar efetivamente nesse novo fluxo de sensações, passando a operar por elas. Assim, o modo de construção do noticiário na virada do século vai se apoiando, cada vez mais, no imperativo das sensações e dele não mais se dissociou ao longo do século XX.

Os jornais do século XIX não poderiam ter tratado o gás, a eletricidade e o telefone como grandes acontecimentos midiáticos, porque a cultura das sensações ainda estava consolidada, e a imagem foi um dos principais recursos para acelerar essa lógica de comunicação, ou melhor, de sensibilidade comunicativa. Somente no século XX as grandes conquistas tecnológicas tornaram-se experiências atravessadas pelos meios de comunicação e muitas vezes organicamente dependentes deles, como no caso da ida à lua.

Assim, a diferença entre os relatos das inovações tecnológicas no século XIX e o que se pode chamar de

acontecimentos midiáticos do século XX não está tanto no fato de o evento ser um ato enunciativo da própria mídia (Rodrigues, 1999) ou de ser promovido e/ou transmitido por ela (Katz, 1999), mas nas condições de significação desses acontecimentos enquanto experiência midiática, ancorada nas sensações e fundamentada acima de tudo na imagem.

Não por acaso, a edição do JB do dia 27 de maio de 1930 teve duas páginas inteiras dedicadas ao Zeppelin: a página 7 estava acompanhada de uma descrição de suspender o fôlego. O texto narra que, temendo frustração, as autoridades brasileiras perguntavam se o Zeppelin “ia mesmo amarrar”. Enquanto o piloto explicava que dependia das condições climáticas, os brasileiros pediam que não deixasse de “amarrar”. Quando finalmente o balão desceu, comemorou-se. O texto descreveu a tensão da aterrissagem, já que os militares que segurariam o Zeppelin por um momento não entenderam se era ou não para pegar a corda, e isso poderia por em risco tanto a segurança do Zeppelin quanto a possibilidade de segurá-lo. Assim, a tripulação, nervosa, fazia gestos para que os militares entendessem o momento exato de pegar nas cordas. Sua hesitação talvez se devesse à perplexidade diante daquele imenso e nunca antes visto ou imaginado “charutão”. Ao ler o texto, o leitor segura a respiração diante da possibilidade de que o Zeppelin não tivesse descido. Em seguida, o sangue subiu para o rosto com raiva da estupidez dos soldados que poderiam ter posto a perder a “histórica” aterrissagem. E, finalmente, sentiu-se piedade dos mesmos soldados, pois se imaginava que tivessem ficado abobados, hipnotizados e fascinados pelo gigantismo do dirigível, como indicava a imagem.

Segundo o jornal, não se falava outra coisa. A visão do Zeppelin no céu foi um espetáculo tecnológico em si, materialização da utopia da conquista do espaço tantas vezes imaginada, porém, daquela vez, com a ajuda de outra tecnologia, não tão nova: a impressão.

Considerações finais

A análise dessas coberturas mostrou um processo de semantização do tempo, portanto, da história, segundo critérios tecnológicos. A conversão narrativa da tecnologia em código de medição/significação do tempo seria útil, entre outras razões, porque ela nos ajuda a localizar e transpor simbolicamente o tempo e o espaço, dando a sensação de domínio sobre essas dimensões. Se é verdade que a codifi-

cação do tempo pela tecnologia não se caracteriza por um fenômeno exclusivamente jornalístico, também é verdade que os jornais se apropriam com frequência desse código não apenas ao valorizar seus próprios “avanços” gráficos, editoriais, redacionais, empresariais, mas também as coberturas em geral. Tendemos a confundir novidade tecnológica com novidade histórica, e os jornais ajudam muito a gestar essa confusão. Afinal, “podemos estar no início de uma nova etapa da configuração tecnológica, mas o mundo certamente não começou agora” (Sevcenko, 2001, p. 49).

Acredita-se que o processo de codificação da história pela tecnologia foi especialmente importante nesta excolônia, entre outras razões, por promover um efeito narrativo de ruptura com estruturas arcaicas e que os periódicos contribuíram para essa visão. Porém, o trabalho de convergência dessa mediação jornalística entre o tempo histórico/social e o imaginário tecnológico nem sempre promoveu os mesmos ganhos simbólicos para os jornais, ou nem sempre com a mesma eficiência, ou se valendo das mesmas estratégias.

A luz elétrica não foi transformada num grande acontecimento midiático, como o que foi feito em todo o planeta com a chegada do homem à lua em 1969. Isso ocorreu não por incompetência do Jornal do Commercio, mas porque o jornalismo não desempenhava tal função na sociedade que lhe fosse franqueado ser o lugar do acontecimento. Por outro lado, não é possível afirmar que o *Jornal do Commercio* já não tenha contribuído para a experiência desses acontecimentos em 1854, ao contar da adoção da luz a gás, ou em 1897, sobre a eletricidade.

Dentre o universo de acontecimentos estudados, é a partir do Zeppelin que se reconhece parentesco com a experiência jornalística atual. Ao perceber os movimentos narrativos desses diários, pelo menos segundo os exemplos por nós analisados, fica claro que os grandes acontecimentos se tornaram, no século XX, aquilo que ganhou visibilidade midiática, por imagem e sensação, redimensionando consciência de tempo e espaço.

Referências

BARBOSA, M.C. 2009. Televisão e usos do passado: a construção da utopia comunicacional. In: M. das G, TARGINO; S. CASTELO BRANCO; C.P. de CARVALHO; L. MAGALHÃES (orgs.), *Comunicação, educação e cultura na era digital. Intercom, Nordeste 2009*. Teresina, EDUFPI, p. 12-28.

- COLLINGWOOD, R.G. [s.d.]. *A ideia de história*. Portugal, Editorial Presença, 492 p.
- COMTE, A. 1978. *Os pensadores*. São Paulo, Abril Cultural, 318 p.
- KATZ, E. 1999. Os acontecimentos midiáticos: o sentido de ocasião. In: N. TRAQUINA (org.), *Jornalismo: questões, teorias e "estórias"*. 2ª ed., Lisboa, Veja, p. 52-60.
- KOSSELLECK, R. 2006. *Futuro passado. Contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro, Contraponto/PUC-RJ, 366 p.
- MATHEUS, L.C. 2010. *Comunicação, tempo, história: tecendo o cotidiano em fios jornalísticos*. Niterói, RJ. Tese de doutorado. Universidade Federal Fluminense, 272 p.
- MESSAGI JÚNIOR, M. 2008. *O texto jornalístico no centro de uma revisão da história da imprensa no Brasil*. São Leopoldo, RS. Tese de doutorado. Universidade do Vale dos Sinos, 280 p.
- MORAES E SILVA, A. 1813. *Dicionário da Língua Portuguesa*. 2ª ed., Lisboa, Typographia Lacérdina.
- NISBET, R. 1985. *História da idéia de progresso*. Brasília, Editora da UnB, 362 p.
- RIBEIRO, A.P.G. 1995. *A história do seu tempo. A imprensa e a produção do sentido histórico*. Rio de Janeiro, RJ. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 160 p.
- RICOEUR, P. 1994. *Tempo e Narrativa*. Campinas, Papirus, Tomo I, 327 p.
- RODRIGUES, A.D. 1999. O acontecimento. In: N. TRAQUINA (org.), *Jornalismo: questões, teorias e "estórias"*. 2ª ed., Lisboa, Veja, p. 27-33.
- SEVCENKO, N. 2001. *A corrida para o século XXI. No loop da montanha-russa*. 6ª ed., São Paulo, Companhia das Letras, 140 p.

Fontes primárias

- JORNAL DO COMMERCIO. 26 e 27 de março de 1854; 22 de fevereiro de 1879; 22, 23, 24, 25 de junho de 1883.
- GAZETA DE NOTÍCIAS. 22 de fevereiro de 1879.
- JORNAL DO BRASIL. 10, 15, 20, 24, 25, 27 de maio de 1930, 16, 17, 18, 19, 20 (extra) e 21 de julho de 1969.
- ÚLTIMA HORA. 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21 e 22 de julho de 1969.

Submetido em: 09/03/2010

Aceito em: 28/04/2010